

## LITERATURAS LUSÓFONAS: REGIONALISMO E RELIGIOSIDADE NUMA ABORDAGEM DISCURSIVA

### Autores

Márcia Silva Pituba Freitas<sup>1</sup>

Micheline Tacia de Brito Padovani<sup>2</sup>

### Resumo

O presente trabalho visa a discutir e analisar como ocorrem os processos de apropriação e representação no conto A menina de lá, de João Guimarães Rosa e no livro de literatura infantil O beijo da palavrinha, de Mia Couto. Os conceitos teórico-metodológicos utilizados são os de: Chartier (1988); Genette (2009); Maingueneau (1995, 2006, 2008, 2020), entre outros. Evidenciam-se algumas características das narrativas e particularidades das personagens, como forma de se buscar compreensão acerca da representação, que se mostra como polo de articulação de religiosidade, de regionalismo, de cultura e de mundo. Assim, numa perspectiva sócio-histórica, procura-se compreender as estratégias, o desenvolvimento e as transformações nas diversas apropriações e representações no contexto histórico e social em que a narrativa ocorre. Nessa esteira, destacam-se alguns fatores que interferem na manipulação dos suportes culturais, que expõem as modificações das personagens, ao estabelecer as apropriações para a construção de sentido textual em linguagem literária. A literatura e as formas de ler os contextos social e histórico revelam a importância que a memória, as crenças, as intenções, as atitudes e as expectativas têm sobre o leitor durante o processo de apropriação e representação leitora.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Representação. Apropriação. Regionalismo. Religiosidade.

### *LUSOPHONE LITERATURES: REGIONALISM AND RELIGIOSITY IN A DISCURSIVE APPROACH*

### Abstract

The present work aims to discuss and analyze how the processes of appropriation and representation occur in the short story A Menina de Lá, by João Guimarães Rosa and in the children's literature book O Kiss da Palavrinha, by Mia Couto. The theoretical-methodological concepts used are: Chartier (1988); Genette (2009); Maingueneau (1995, 2006, 2008, 2020), among others. Some characteristics of the narratives and particularities of the characters are evidenced, as a way to seek understanding about the representation, which is shown as a pole of articulation of religiosity, regionalism, culture and the world. Thus, from a socio-historical perspective, it seeks to understand the strategies, development and transformations in the various appropriations and representations in the historical and social context in which the narrative takes place. In this wake, some factors that interfere in the manipulation of cultural supports stand out, which expose the changes in the characters, by establishing the appropriations for the construction of textual meaning in literary language.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Estudos Pós Graduados em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. E-mail: marpituba@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Estudos Pós Graduados em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. E-mail: mtbpadovani@gmail.com

Literature and ways of reading social and historical contexts reveal the importance that memory, beliefs, intentions, attitudes and expectations have on the reader during the process of appropriation and reading representation.

**Keywords:** Children's Literature. Representation. Appropriation. Regionalism. Religiousness.

## INTRODUÇÃO

Nesse artigo, temos por objetivo analisar o conto *A menina de lá*, de João Guimarães Rosa, e o livro de literatura infantil *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, à luz da apropriação e da representação, como condutoras de verificação de ocorrência do processo de religiosidade, de regionalismo e de cultura presentes nessas narrativas literárias lusófonas.

Partimos de uma perspectiva sócio-histórica que busca compreender as estratégias, o desenvolvimento e as transformações que acontecem em situações de apropriações e de representações que se compõem a partir de um contexto histórico e social no qual se passam as narrativas trazidas, de forma a ressaltar a questão da identidade e da cultura como referências para destacar a religiosidade e o regionalismo, verificáveis em ambas as histórias.

As crenças, as intenções, as atitudes e as expectativas presentes em ambos os textos podem exercer influência no leitor, durante o processo de leitura, uma vez que, as formas de ler as narrativas, podem desencadear o desenvolvimento de um olhar crítico, por conta de fecundos vieses de contextos sociais e históricos, bem delineados pelas lentes da apropriação e da representação, marcados por identidade e memória.

Esses contornos de leitura podem ressignificar o modo de enxergar e de posicionar-se dos leitores que buscam uma aproximação com narrativas de prosa poética, marcadas pela forte presença do tom oral, e que esperam entrar em contato com uma literatura que traz uma abordagem discursiva relevante, capaz de levá-los à reflexão e a decidir por diferentes posicionamentos político-sociais.

## 2 REPRESENTAÇÃO, APROPRIAÇÃO, IDENTIDADE E CULTURA

Abrimos nossa discussão com o posicionamento teórico da história cultural do mundo trazida por Roger Chartier, na qual o autor propõe reconsiderações e ressignificações de acontecimentos e fenômenos históricos a partir do conceito de representações e de práticas sociais fundamentais que auxiliam na complementação e articulação da cultura e do mundo.

Dessa forma, Chartier (1988) apresenta a representação como instrumento teórico-metodológico de análise da história cultural.

Já a apropriação guia para uma história social das interpretações por meio das determinações sociais, institucionais e culturais produzidas nas práticas sociais, [...] práticas que, pluralmente, contraditoriamente dão significado ao mundo” (CHARTIER, 1988, p. 27). No bojo dessa asserção, Zumthor (1993, p.139) ressalta a voz poética como parte da história e da cultura e meio de gerar identidade e memória coletiva, dessa forma,

A voz poética é ao mesmo tempo, profecia e memória – à maneira do duplo livro que Merlin dita no ciclo de *Lancelot-Graal*: um, na Corte, projeta a aventura; o outro, em Blaise, eterniza o acontecimento. A memória, por sua vez, é dupla: coletivamente, fonte de saber; para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Dessas duas maneiras, a voz poética é *memória*.

Dessa maneira, a memória é moldada como parte de uma sociedade que cultiva identidade, por meio de costumes e tradições, uma vez que se manifesta e torna-se indelével, como guardiã de lembranças coletivas dos que juntos socializam em uma época, e deixam como legado essa memória, ao alcance da humanidade, no registro da literatura, por exemplo, em narrativas. Assim, a memória cultural é um pilar que ampara o binômio: memória e cultura como frutos de costumes, marcados pelo regionalismo, pelas tradições e pela religiosidade, presentes nas narrativas lusófonas apresentadas. A esse respeito, Ricouer (2014, p. 107-108) arremata:

(...) Ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si. (...) a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. (...) Em seguida, o vínculo original de consciência com o passado parece residir na memória. Foi dito com Aristóteles, diz-se de novo mais enfaticamente com Santo Agostinho, a memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado. É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa e, por esse viés, essa identidade cujas dificuldades e armadilhas enfrentamos acima. Essa continuidade permite-me remontar sem ruptura do presente vivido até os acontecimentos mais longínquos da minha infância. (...) a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir esse movimento sem solução de continuidade. **É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade.** (...) é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para frente, (...) mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo (negrito nosso).

Por isso, trazemos a memória como guardiã das tradições de um povo, que se traduzem em memória coletiva, que se manifesta em identidade, religiosidade, regionalismo e cultura, pautadas em palavras de Le Goff ([1990], 2014, p. 435). Assim, ele diz que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A memória coletiva, com o passar do tempo, vai ganhando amplitude em seu significado. Por isso, essa memória aparece recebendo novos contornos, ao mesmo tempo, em que necessita de novas maneiras de ser vista. Isso não quer dizer que ela esteja segura e a salvo de qualquer risco iminente de desaparecimento. Vivemos uma outra época, em que referenciais antigos estão em momento de renovação.

Prima-se, nessa levada exacerbada de globalização e mundialização, pela velocidade das informações, fluxo contínuo de tela, imediatismos e instantaneidades que tiram o “glamour” da temporalidade e deixam o espaço ultrapassado. Somos inundados de atemporalidade, onde recaímos, novamente, no conceito de “presentismo” ou eterno presente. O que nos leva a crer que podemos ser desconstituídos totalmente de passado e de futuro, e pode comprometer a memória coletiva. Oliveira (2006, p. 27-28), a esse respeito tece o seu conceito de identidade ao nos apontar que:

O conceito de identidade ao qual nos ancoramos é entendido como um processo que implica em reconhecimento de alteridade, ou seja, é na relação com o outro que me identifico como não-outro, entendendo ainda que a construção de processos identitários processa-se no plano das relações sociais, uma vez que no indivíduo torna-se consciente de si mesmo no processo de tornar-se consciente dos outros, ainda mais que, como diz Moita Lopes (2002), as identidades não são escolhidas mas inscritas em relações discursivas de poder. Entende-se ainda que as identidades estão em permanente processo de movimentação, em função das formas pelas quais o sujeito é representado ou interpelado pelos sistemas culturais que lhe rodeiam. Dessa forma, não é fruto do acaso, que no âmbito de algumas vertentes das Ciências Humanas afloram e despertam interesse os estudos de processos de construção de identidade, cujas matérias primas encontram fonte de significação expressivas nas instituições produtivas, na memória coletiva, na história, no território, nos aparatos de poder, na esfera religiosa e naquelas que Voloshinov (1976) denomina de “ideologia do cotidiano”. A vertente dos estudos dos processos identitários a que nos filiamos assume como pressuposto epistemológico o fato de que o ser humano é um ser de

linguagem o que significa compreender que a instituição das identidades realiza-se pelas e nas práticas discursivas, através de relações intersubjetivas, portanto considerando que a alteridade assume natureza constitutiva de tais processos.

A relevância de tal conceito nos permite fazer as pontes necessárias para que identifiquemos, em nossa análise, os pontos em que a identidade, para se firmar, se utiliza da memória como âncora. Parafraseando Mancuso (2006), declaramos que: podemos considerar os significados atribuídos às narrativas como constitutivos da memória, pois habitam a memória. Com isso, pode-se dizer que as narrativas vivem em cada um de seus ouvintes e é parte de cada um deles. Por isso, podemos realizar a relação entre memória, representação e identidade a partir do que foi exposto, uma vez que constituem uma cadeia de fatos sociais ou construções sociais.

Assim, a identidade permite que os seres humanos se reconheçam uns nos outros, mas, é por meio da memória, que o fenômeno se concretiza, pois, buscamos esse reconhecimento por elementos significativos para a coletividade e que sejam primordialmente inclusivos. Assim, todo e qualquer ser humano, possivelmente, enxergar-se-á numa dada situação concreta, veiculada pelas tais narrativas.

Candau (2016, p. 182-183) acrescenta que a memória coletiva se fortalece com base na tradição de alguns gêneros textuais e ratifica-se em algumas instituições sociais que a alimenta. Mas, é a partir de ritos e práticas que as memórias se tornam indelévels coletivamente:

Doutrinas, contos, relatos, mitos inscritos em uma trama narrativa, são as pedras angulares de memórias fortemente estruturadas que contribuem, no interior de um grupo ou de uma sociedade, para orientar duravelmente as representações, crenças, opiniões e para manter a ilusão de seu compartilhamento absoluto e unânime. Essas grandes categorias organizadoras de representações identitárias coletivas são mais eficazes quando dispõem, disperso em todo o corpo social, de meios de memória: escola, igreja, Estado, família, que com suas práticas e ritos diversos difundem e fazem viver essas grandes memórias organizadoras. (...) Levando em consideração essa capacidade da tradição em transmitir conteúdos fortemente estruturados, logo facilmente memorizáveis e próprios a serem compartilhados – mesmo que superficialmente – por muitos, numerosos pesquisadores avançaram na hipótese de uma mudança radical trazida pela modernidade: nas sociedades contemporâneas, as estruturas a memorizar e as estruturas de recordação coletiva se tornariam muito vagas, numerosas e complexas a ponto de sua aquisição e assimilação serem, doravante, bastante aleatórias.

Até aqui, percebemos que a memória coletiva vem guardando e abrigando a cultura popular, em nosso caso, preservada em forma de contos tradicionais. Hall ([1997], 2015, p.31) nos explica que:

[...] as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Assim, trazemos para a análise os conceitos de representação, apropriação, identidade e cultura como meios de identificação das narrativas lusófonas que guardam, além desses elementos, a presença da religiosidade e do regionalismo como marcas culturais de pertencimento, costume e tradição, das sociedades que representam. A memória coletiva dessas comunidades é mantenedora de suas crenças, simbologias, opiniões e representações.

### **3 REPRESENTAÇÃO E APROPRIAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE: EM MIA COUTO E GUIMARÃES ROSA**

A obra literária de Mia Couto, *O beijo da palavrinha*, nos permite vivenciar o contexto social cultural de uma pequena vila, distante da capital, Maputo. O regionalismo de Mia Couto, funciona como um “grito” para apontar as dificuldades e a carência em que vive o povo no período pós-guerra em Moçambique. A temática da narrativa é apresentada em sequência cronológica e está em comunhão com os acontecimentos históricos e sociais, funcionando como denúncia e, explicitando a africanidade, a cultura e a identidade da sociedade moçambicana.

Dessa forma, *O beijo da palavrinha*, possibilita a representação dentro da representação por meio de elementos linguísticos polifônicos e de imagens que revelam o universo do contexto moçambicano. Com isso, o leitor é chamado para dialogar com a obra como um todo. De modo que, além da narrativa, estão presentes outros discursos advindos de outros campos sociais: cultural, identitário, imaginário e da memória individual e coletiva dos personagens. Com esse processo intertextual discursivo, ocorre a representação e a interpretação de questões lusófonas que dizem respeito a sociedade moçambicana. Dito isso, destacamos que a relação entre diferentes discursos funciona para enfatizar apontamentos ideológicos e culturais que dizem respeito ao contexto social moçambicano, que se instauram na religiosidade e no regionalismo, mantendo-se como memória coletiva, integrando os costumes, as tradições e a identidade desse povo.

O texto de Mia Couto, relata a história de Maria Poeirinha, menina frágil e doente. Ela interage especificamente com seu irmão Zeca Zonzo e com seu tio Zé Litorâneo. É importante destacar que a identidade religiosa fica marcada pelo nome da personagem principal Maria Poeirinha. O catolicismo é uma herança dos colonizadores portugueses e, para os católicos, A Virgem Maria, é a figura feminina central, pois é a mãe de Jesus Cristo, o Salvador. Assim, Maria Poeirinha, é pura e imaculada, por isso será salva com a transposição da vida para a morte.

Nessa esteira de pensamento, reiteramos que a interação entre os irmãos provoca conhecimento ou reconhecimento de aspectos culturais do regionalismo e da memória coletiva da sociedade moçambicana mediante o uso de uma linguagem polifônica, ou seja, várias vozes estão representadas: o colonizador, o colonizado, a pobreza social e outras, mas são abordadas com leveza poética. Dessa maneira, ao tratar da morte de Poeirinha, que remete a ruptura e a liberdade, a linguagem facilita a apreensão do mundo, de uma percepção visual, dando significado a uma percepção dialética.

Diante de tal perspectiva, insere-se Maria Poeirinha, menina que não conhecia o mar, mas que sonhava em conhecê-lo. Ela ansiava em converter-se em água e ser a princesa de um livro que arrastava um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos. O mar é a representação do passado de Moçambique, foi por ele que os portugueses chegaram e foram embora séculos mais tarde. Assim, o mar é, também, a representação da renovação, já que o país ficou livre dos invasores pelo mar. Além disso, as águas lavam fragmentos de uma realidade sangrenta que ocorreu durante os conflitos internos. Ele, ainda, é a representação de forma metafórica de cura para Maria Poeirinha e o caminho para o infinito e para a salvação.

Entretanto, embora, o tio Zé Litorâneo seja aquele que representa o domínio das navegações marítimas, não é ele que irá auxiliar a personagem em sua viagem pelo mar/morte. No processo de representação Zé Litorâneo é a presença daquele conhece as regras de navegação, mas não acredita nas crenças moçambicanas porque se apropriou das crenças portuguesas. Desse jeito, cabe a Zeca Zonzo, irmão da menina, o desprovido de juízo, mas salva a irmã quando decide lhe mostrar o mar de forma imagética e metafórica por meio da palavra escrita. Ao escrever a palavra “MAR” com letras grandes e separadas, sendo associadas a outros elementos da natureza, o menino possibilita ao leitor a construção de outro olhar, outra compreensão de mundo. No desenvolvimento da narrativa, é viabilizado ao leitor a apropriação e a representação de um mundo em que até pouco tempo ele não fazia parte. É nesse momento que pode ocorrer o despertar de um olhar crítico, por conta desses novos

vieses que se entrelaçam em contextos sociais e históricos, bem delineados pelas lentes já mencionadas da apropriação e da representação, marcadas por identidade e memória.

Assim, o leitor é transportado para dentro do enredo para acompanhar as ações que se desencadearão com morte de Poeirinha. A morte da menina é tratada de forma metonímica, a leveza e sutileza ao tratar da passagem vida/morte é importante para que se perceba a relação de liberdade. Desse jeito, o irmão ganha destaque na narrativa, passando a ser o único com clareza do que deve ser feito para libertar Poeirinha. Então, o menino pega papel e caneta, e escreve com “letra gorda” a palavra MAR. o ápice desse momento pode ser definido pela junção de: cumplicidade, sensibilidade, solidariedade e muita imaginação entre os dois irmãos. Na narrativa, Mía Couto explora com muita riqueza de detalhes como isso se dá:

– Vou-lhe mostrar o mar, maninha. Todos pensaram que ele iria desenhar o oceano. Que iria azular o papel e no meio da cor iria pintar uns peixes. E o Sol em cima, como vela de bolo de aniversário. Mas não. Zonzo apenas rabiscou com letra gorda a palavra ‘mar’. Apenas isso: a palavra inteira e por extenso Diante do espanto de todos, a menina conseguiu vislumbrar o mar, e, conforme as palavras do mano Zonzo, “se afogou numa palavrinha” (COUTO, 2008, p.14, 15 e 16).

A narrativa aponta que “a palavra escrita tem lugar marcado na representação de um universo que integra uma cultura de tradição oral e formas diversas de escrita” (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p.68-68). A leveza da infância é retomada pelas descobertas de um mundo novo, mas, ao mesmo tempo, é tomado pela dor e pelo sofrimento.

Tais representações e apropriações propiciam que haja um encaminhamento para o desfecho da narrativa, a desrazão de Zeca Zonzo torna-se razão, pois ele consegue guiar os dedos da irmã para a leitura de um mundo que ela desconhece e que vai construindo, aos poucos, em uma sinestesia imagética a partir da relação tátil com o papel onde a palavra está escrita, dessa forma, “Zeca Zonzo levantou os dedos da irmã e soprou neles como se corrigisse algum defeito e os ensinasse a decifrar a lisa brancura do papel” (COUTO, 2008, p. 18).

O conto, *A menina de lá*, de Guimarães Rosa, publicado no livro *Primeiras Estórias*, apresenta o encantamento e o poder das palavras. Rosa as explora por meio das escolhas lexicais em componentes alegóricos, carregados de simbologia e de uma semanticidade particular, de um mundo individualizado, e, ao mesmo tempo, de uma polissemia latente, mirada e atingida, para apontar um problema social e a poesia que revela uma faceta da infância do sertão nordestino.

Nesse conto, é facilmente identificável a presença de uma memória coletiva carregada de elementos da tradição e dos costumes regionais, assim como de componentes de religiosidade que atuam como uma forma de transmissão de identidade que significa e marca a sociedade local por meio de hábitos culturais.

Guimarães Rosa traz à tona, por meio de uma linguagem regionalista, uma narrativa própria da cultura nordestina. O leitor é envolvido com a leitura, pelo tom de oralidade da narrativa, e cria um jeito novo de sentir o texto. Nessa esteira de ações que se entrelaçam, as emoções vão aflorando por conta de um tom de religiosidade constante, ao mesmo tempo em que se avança e adentra nos labirintos do conto. Sentimos sinestesticamente a construção textual da narrativa, porque ela é real, descreve pessoas reais. Dessa forma, Rosa, com toda a sua genialidade, desmonta a realidade indiferente, arrogante e esnobe e a reconstitui com alteridade, empatia e compaixão.

A representação e a apropriação se dão por meio da linguagem verbal que induzem no leitor a construção de imagens do contexto regionalista no qual se insere a narrativa. No decorrer do conto, vamos nos aproximando dessa menina e criamos uma relação com ela. O pai e a mãe da menina não têm nome próprio, sendo identificados por Pai e Mãe, com iniciais maiúsculas, o que confere um ar de pessoalidade. A menina dá características aos seus pais: Mãe – menina grande e o Pai – menino pidão. É importante, destacar que essa forma de identificação revela a identidade dos pais, são pessoas frágeis e sem autoridade.

A menina, ao contrário, recebe no nascimento o nome de Maria, embora seja mais conhecida por Nhinhinha – um nome com diminutivo, o que remete à condição física da menina marcada por fragilidade e delicadeza, já que está doente. Assim, ela é dentro da família a razão. Convém dizer que, para enfatizar o lado racional da menina, é possível verificar que a comunicação com Nhinhinha é custosa; na contramão da fala, há uma relação de diálogo desafiadora. Não por acaso, *nhê, nhê, nhê* é fala, fala, fala em Tupi-guarani.

Os pais agem como crianças em início de vida, a protagonista é colocada como a detentora de um saber construído em tão poucos anos de vida: surpreende com seus neologismos e enche de autoridade a sua existência, apropriação natural da própria condição de vida dos nordestinos. “O sertanejo, é antes de tudo, um forte”.<sup>3</sup> Assim, Nhinhinha mais observa que fala, atitude comum aos sábios e aos pensadores.

---

<sup>3</sup> Famosa frase do livro *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

De repente, em meio àquela condição de vida tão previsível, determinista e sem novidades, começa a adivinhar acontecimentos próximos e isso se torna o que não se entende, o que não se consegue explicar senão, pela presença do fantástico, do sagrado e, porque não acrescentar, do religioso, do místico. Em um primeiro momento, podemos nos indagar: Nhinhinha é uma santa ou uma bruxa? Fica um suspense: “Está trabalhando um feitiço...” (ROSA, 2001, p.69).

Entretanto, a partir das pistas dos seus gestos e das poucas palavras que solta, percebemos um deslocamento da menina para um não lugar. Dessa forma, ela descola-se de um pertencimento familiar natural: nem está no mundo infantil, e nem se encaixa no mundo adulto. É um ser símbolo/representação de sacralidade e de religiosidade e, não há explicação para o que ela faz acontecer, até que, recebe o *status* de santa, alto grau que se alcança no sertão por quem adivinha chuva e cura doentes: “A Mãe, que a olhava com estarecida fé, sarou-se então, num minuto” (ROSA, 2001, p.70). Dessa forma, a menina sabe que a sua passagem pela Terra é efêmera. Os puros de coração vivem pouco.

Quando o leitor se dá conta de algumas dessas pistas do conto, ele assume o lugar de escritor e crítico literário, pois pode considerar um fardo para uma criança suportar todas as questões desafiadoras que a menina vem vivendo. Entretanto, com a morte, Maria, encontra a liberdade.

Há alguns elementos da narrativa que mencionam a cultura indígena, além da etimologia do nome de Nhinhinha, existem outras, tais como o prato de folha, a marcação de tempo por meio dos elementos da natureza, bem como o passar vagaroso do tempo, sem o atropelamento das horas motivado pela correria dos grandes centros urbanos onde se sugere que o tempo anda mais rápido e acelerado. Com isso, o processo de apropriação e representação se dá tanto pelas características linguísticas e imagéticas da narrativa quanto pelos elementos típicos da cultura indígena.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A personagem Maria Poeirinha da história infantil de Mia Couto consegue, por meio da representação e apropriação da palavra MAR, sentir e se desapegar da vida, e de forma lúdica, a personagem morre. Com isso, a literatura viabiliza que o leitor se posicione e se confronte diante do que foi exposto, em uma dada interpretação do mundo pelo escritor, que é percebida, imaginada e sentida pelo outro.

A Maria, Nhinhinha, de Guimarães Rosa também morre e de acordo com a cultura local, imersa em regionalismos e religiosidades, ela era uma santa, um ser evoluído que transcendia a razão comum da comunidade ao qual pertencia. Ela revelou que a sua morte estava próxima. O desenvolvimento da narrativa também possibilita ao leitor um confronto, um momento de crise e uma redenção causada por tanto sofrimento.

O espaço literário está aberto à diversidade. Ao analisarmos as duas histórias podemos observar que tratamos de duas Marias: a Maria Poeirinha e a Maria mais conhecida como Nhinhinha. Maria é um nome comum e com forte representação religiosa, simboliza a Virgem Maria, a Mãe de Jesus Cristo para os católicos. Maria é uma mulher pura, casta, sem pecado original e que viveu para fazer o bem. Isso encaixa perfeitamente ao caráter das primeiras Marias – representação e apropriação.

Contamos histórias para justificar a nossa presença na Terra, para explicar o indizível e o que simplesmente se sente, elas são um sobrevoo na sociedade. Precisamos entrar no mundo do outro para aprender a entendê-los: o mundo e o outro. Só tomamos posse desse conhecimento pela compreensão. Quando entramos em contato com a história do outro, deixamos de sentir a nós mesmos e passamos a sentir as dores do outro – empatia e alteridade.

Em decorrência de todo esse processo, esbarramos em uma situação difícil, em que incertezas são geradas, e é necessário que o sujeito responda com reflexão, posicionamentos e mudanças com base no experimentado. Crise vem do grego, e significa ruptura, o que pode ensejar uma ideia de romper com o passado, de dar uma pausa para, em seguida, trilhar-se novos caminhos, com novas perspectivas.

Isso requer que aconteçam profundas mudanças e alterações do *status quo*. Após ler um texto em que o sujeito se ponha em crise, porque, sim, a arte proporciona esse estado, o leitor sai transformado em seu estado de espírito, metamorfoseado em suas ideias e é provável que problematizações e questões sejam suscitadas em seu diálogo particular, de forma que fiquem em xeque as certezas de suas (in)verdades.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1ª ed., 3ª reimp. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Para uma Nova Análise do Discurso*. IN: CARNEIRO, A.D. (Org.) *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

\_\_\_\_\_. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Trad. Maria de Lourdes Mierelles Matêncio. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

COUTO, Mia. *O Beijo da Palavrinha*. Ilustração de Malangatana. Rio de Janeiro: Língua Geral Editores, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª ed., 1ª reimp. Rio de Janeiro: Lamparina, [1997], 2015.

LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7ª ed. revista, 1ª reimp. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1990], 2014.

MANCUSO, Maria Inês R. Memória, representação e identidade. In. LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (orgs). *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006, pp. 57-73.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Alteridade e construção de identidades pedagógicas: (re) visitando teorias dialógicas. In. MAGALHÃES, Izabel; GRIGOLETTO, Marisa; CORACINI, Maria José (orgs.) *Práticas identitárias: Língua e discurso*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, pp. 27-44.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. 6ª reimp. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Tradução Amálio Pinheiro (Parte I); Jerusa Pires Ferreira (Parte II). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.